Ofereço-te o meu tempo

Recordo ainda aquele enorme casarão, pintado de amarelo, com telhados de ardósia e uma imensidão de janelas que davam para um lindo jardim...

De fora, não parecia que pudessem viver ali tantas meninas juntas porque não se ouvia quase nada. Mas, uma vez lá dentro, ninguém podia duvidar: falávamos todas ao mesmo tempo no refeitório, e mal se ouvia a voz da diretora a mandar-nos calar.

A diretora chamava-se Luzia e era uma pessoa muito especial.

Ainda recordo o seu olhar e o sorriso com que escutava as nossas aventuras.

Todos os sábados nos davam chocolate ao lanche, acompanhado de torradas e de um bolo. Era uma festa! Depois, nenhuma de nós conseguia jantar porque costumávamos empanturrar-nos.

Quando íamos de férias para casa, D. Luzia sugeria-nos sempre que comprássemos alguma prenda para a nossa família... e, se não tínhamos dinheiro, ajudava-nos a fazer qualquer coisa especial para eles, que não custasse nada. Sem ela o colégio não teria sido o mesmo. Era a sua alma e o seu coração, e notava-se que gostava de fazer o que fazia: dirigir aquele bando de meninas e adolescentes.

As mais pequenas choravam muito quando os pais as vinham trazer no começo do ano. Por isso, D. Luzia pegava na mão delas e levava-as a ver as flores do jardim, enquanto o carro dos pais partia de regresso a casa.

Lembro-me de me dizer uma vez:

— Ester, amanhã vem uma menina nova e quero que a ajudes a sentir-se bem no colégio. O pai morreu e a mãe pensa que, aqui, essa tristeza passará mais depressa. E, além disso, poderá estudar melhor.

Eu gostava muito que me dessem alguma responsabilidade porque me fazia sentir adulta. Por isso respondi:

— Não se preocupe, D. Luzia. Serei amiga dela e ajudá-la-ei no que puder.

A menina chamava-se Olga e chorava desconsoladamente quando a vi entrar para o refeitório. Sentei-me a seu lado e, pondo-lhe a mão no ombro, disse-lhe:

— Olá! Sou a Ester. Gostaria de ser tua amiga. Se queres chorar, chora, não faz mal.

E fiquei a olhar, enquanto ela continuava a chorar, sem sequer tocar no jantar. Eu não sabia o que era não ter pai, embora mal visse o meu, porque viajava muito. Nessa noite, Olga só jantou lágrimas, por isso guardei uma banana, para lhe dar mais tarde.

No dia seguinte, já parecia mais calma, e ao pequeno-almoço, disse-me:

— Obrigada por quereres ser minha amiga. Chamo-me Olga. Tu também não tens pai?

— Eu tenho pai e mãe, mas vivem numa aldeia longe daqui. Sou interna para poder estudar, foi o que eles me disseram — respondi.

— O meu pai acabou de morrer. Trouxeram-me à força, para que me esqueça dele, aqui. Mas é impossível, cada dia sinto mais a falta dele.

Olga estava triste. Eu queria ajudá-la, por isso sugeri:

— Queres que te ensine os esconderijos secretos do colégio?

Foi uma boa ideia porque a vi rir pela primeira vez.

Divertimo-nos muito, entrando em lugares proibidos e ...

— Quem está aí? — perguntou D. Luzia.

E logo nos escapamos a correr!

Sei que ela nos viu, mas não disse nada...

Com o decorrer dos dias, Olga sentia-se cada vez melhor.

Fazia-lhe muitas perguntas sobre a aldeia, as amigas, a casa e, principalmente, ouvia-a. Por vezes, também perguntava sobre o pai, por saber que gostava de falar dele, e as lembranças já não a faziam chorar.

— O teu pai como era, Olga? Em que trabalhava? — perguntei uma vez.

— Dedicava-se a ouvir — respondeu.

Fiquei muito admirada, sem perceber o que me queria dizer.

— Achas que ouvir é um trabalho? — disse-lhe eu.

O que queria saber era a sua profissão.

— O seu trabalho era ouvir. Em novo, teve um acidente de carro e ficou sem poder andar. Desde que nasci, sempre o vi sentado na sua cadeira de rodas a ouvir rádio, a ouvir televisão e a ouvir as pessoas. Toda a gente da aldeia ia contar-lhe os problemas, e ele fazia perguntas e ouvia-os.

Eu continuava sem compreender o que ela me tinha dito.

E ia pelo passeio, a matutar nisso, quando me deparei com D. Luzia.

— O que tens, Ester? Andas pensativa.

— D. Luzia, acha que ouvir é um trabalho? — perguntei-lhe.

— Ouvir é uma forma de amar, acho eu — respondeu, sorridente.

Aquela resposta espantou-me tanto, que acabei no seu gabinete a conversar sobre isso.

Descobri que eu também gostava de ouvir. Por isso é que tinha boas amigas.

Nessa noite, D. Luzia revelou-me um segredo que nunca mais esqueci:

— Muitas vezes, quando alguém tem um problema, ajuda-se mais ouvindo do que dando conselhos. Olha, Ester, todos temos bons e maus momentos. Quando nos sentimos bem, gostamos de falar, mas nos maus momentos, quase sempre nos calamos, o que é mau. Se, quando tens um problema, alguém te ouvir, isso é como encontrar um tesouro. É uma dádiva preciosa.

Eu gostava muito de D. Luzia.

Fazia-me ver as coisas de outra maneira, e eu sentia que nos tratava a todas com muito carinho. D. Luzia deu-me o melhor dos presentes que alguém me poderia dar: horas e horas roubadas ao seu descanso, em que me ouvia pacientemente. Arranjava sempre tempo para me ouvir. A mim e às minhas colegas.

Com ela, aprendi que ouvir é uma forma diferente de amar. Oferecer tempo, é algo que todos temos e não custa dinheiro. A grande maioria das pessoas oferece presentes caros para provar que gostam de alguém. Sem se dar conta de que o melhor dos presentes que se pode dar, é ouvir.

A partir de então, passei a oferecer às minhas amigas muito do meu tempo.

Begoña Ibarrola
Cuentos para sentir 2: Educar los sentimientos
Ediciones SM, 2003, Madrid
(Tradução e adaptação)